



CARAMBAIA lança obra do haitiano Jacques Roumain

Considerado o romance fundador da literatura moderna do país, Senhores do orvalho evoca elementos fundamentais do cotidiano do povo negro na luta por sobrevivência

“Eu sou isto: esta terra, e a tenho no sangue. Veja minha cor: parece que a terra soltou tinta em mim e em você também. Esse país é o quinhão dos homens pretos, e todas as vezes que tentaram tirá-lo de nós podamos a injustiça a golpes de facão.” O país é o Haiti e quem fala é Manuel, o protagonista de *Senhores do orvalho*, de Jacques Roumain, que a CARAMBAIA lança, com tradução inédita de Monica Stahel, quase sete décadas depois de sua primeira e única edição no Brasil.

Senhores do orvalho foi lançado originalmente em 1944, pouco depois da morte do autor, e é considerado o romance fundador da literatura haitiana moderna, tematizando os elementos fundamentais do cotidiano do povo negro em sua luta por sobrevivência. Estão presentes a agricultura de subsistência, a religião vodu, a cultura africana reprimida pela elite mestiça e, sobretudo, a natureza violentamente devastada, que se eleva da trama com tanta força e complexidade quanto os personagens. Com estrutura aparentada à fábula e aos mitos fundadores, é também uma obra engajada, marxista, às vezes quase programática, sobre as possibilidades de emancipação de uma maioria oprimida pela via do trabalho.

O protagonista, Manuel, é um lavrador que volta a seu povoado, Fonds-Rouge, depois de quinze anos nas plantações de cana-de-açúcar em Cuba, período em que conheceu a auto-organização dos trabalhadores e participou de uma greve. Ao voltar para a casa dos pais, encontra-os vivendo privações severas num ambiente castigado pela seca. Manuel é recebido com uma cerimônia vodu de boas-vindas em que ocorre uma briga de loás (divindades do vodu), sinalizando a iminência de um conflito. O herói logo



perceberá que a vizinhança é marcada por uma divisão entre grupos hostis, originada por uma antiga disputa de terras de família, que acabou em duas mortes.

O primeiro desafio de Manuel será procurar uma nascente de água para criar um sistema de irrigação que volte a tornar férteis as terras de Fonds-Rouge. O segundo é vencer a resignação e a desconfiança mútua no interior da comunidade e unir seus integrantes em torno do trabalho agrícola, requisitos para fortalecê-los frente aos inimigos que representam as elites mestiças: violentos guardas rurais e comerciantes exploradores. A possibilidade de cooperação é simbolizada pelo modo tradicional de organização coletiva do trabalho, pontuado por música e dança – o *coumbite*. Os conflitos se aprofundam quando Manuel se apaixona por Annaïse, do ramo rival da família, desencadeando um romance ao estilo Romeu e Julieta. No final, Manuel cumpre sua vocação de líder, embora de modo inesperado.

A literatura de Roumain é reconhecida por ter introduzido uma voz haitiana própria, ao evocar os ritmos e sonoridades da língua crioula – uma elaboração buscada pelos intelectuais autointitulados indigenistas. Como observa no posfácio da edição da CARAMBAIA a pesquisadora Eurídice Figueiredo, da Universidade Federal Fluminense, “os dois elementos culturais mais fortemente rejeitados pelas classes letradas eram o vodu, considerado uma superstição a ser eliminada, e a língua crioula, considerado um *patois*, um dialeto que os falantes praticam mas do qual se envergonham”. Foi no vodu e no crioulo que os indigenistas encontraram a linguagem e a cosmologia particulares da literatura haitiana, que já nasceu moderna ao recusar as formas oficiais de comunicação.

Jacques Roumain, que viveu apenas 37 anos, nasceu em Port-au-Prince em 1907, filho de um fazendeiro. Seu avô materno, Tancredi Auguste, foi presidente do Haiti entre 1912 e 1913. A partir de 1915, quando o Haiti foi ocupado pelos americanos, diversas famílias de origem negra, que até então detinham o poder político e econômico, tiveram de se



afastar. Assim, Jacques Roumain foi enviado à Europa para estudar. Voltou para o Haiti aos 20 anos e desde então passou boa parte da vida na prisão (inclusive uma vez na França) ou no exílio por suas atividades políticas, entre elas a fundação do Partido Comunista do Haiti, em 1934. Fundou três periódicos, entre eles a *La Revue Indigène*, que reuniu intelectuais defensores de uma revolução cultural autóctone. Manteve contato frequente com outros escritores engajados, como o cubano Nicolas Guillén, o martiniquês Aimé Césaire e o norte-americano Langdon Hughes. No Brasil, foi Jorge Amado o responsável, em 1954, pela publicação de *Senhores do orvalho*, sob o título *Donos do orvalho*, na coleção dirigida por ele, *Romances do Povo*.

Roumain foi também um importante etnógrafo, voltado para a formação ancestral da cultura haitiana, além de poeta e ensaísta. Antes de *Senhores do orvalho* (1944), publicou dois romances, *La Montagne ensorcelée* [A montanha enfeitada, 1931] e *Les fantômes* [Os fantoches, 1931], e o ensaio *Les Griefs de l'homme noir* [As dores do homem negro], de 1939, entre outras obras. Roumain morreu no México, onde servia como embaixador de seu país, de causas não esclarecidas – à época, houve suspeita de envenenamento.

Senhores do orvalho inspirou dois longas-metragens, um homônimo, de 1974, feito para a televisão francesa, e outro intitulado *Cumbite*, de 1964, dirigido pelo mais importante cineasta cubano, Tomás Gutiérrez Alea.

Com projeto gráfico da Casa 36, dos designers Camila Lisbôa e Fernando Iervolino, o livro é encadernado em capa dura, tem impressão em serigrafia e será publicado com diferentes capas, nas quais a ilustração, que evoca as cores terrosas do ambiente do romance, varia. A edição impressa tem tiragem limitada a 1.000 exemplares, todos numerados a mão, e será lançada simultaneamente em versão eletrônica.



Título: Senhores do orvalho

Autor: Jacques Roumain

Posfácio: Eurídice Figueiredo

Projeto gráfico: Casa 36 – Camila Lisbôa e Fernando Iervolino

ISBN: 978-65-86398-06-9

Número de páginas: 240

Ano de publicação: 2020

Acabamento e encadernação: Capa dura em papel kraft impresso em off-set 4 cores com serigrafia

Dimensão: 13 (largura) x 18 (altura) x 1,9 (profundidade) cm

Peso: 310 g

Valor: R\$ 79,90 impresso | R\$ 55,90 digital

Tiragem: 1.000 exemplares

Idioma: Português

EDITORA CARAMBAIA

Av. São Luís, 86, cj. 182

São Paulo - SP 01046-000

(11) 2366-5538

www.carambaia.com.br

CONTATO PARA IMPRENSA

Clara Dias

imprensa@carambaia.com.br

(11) 98196-5036